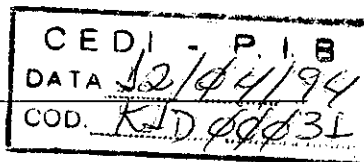


# As pesquisas antropológicas na Amazônia Brasileira e o papel do Museu Goeldi (Belém-PA)\*

Recebido para publicação em 20/12/1982

ADÉLIA ENGRÁCIA DE OLIVEIRA, Museu Goeldi, Belém, PA.



## INTRODUÇÃO HISTÓRICA<sup>1</sup>

As primeiras informações sobre os índios da Amazônia brasileira foram dadas pelos missionários, cronistas e viajantes dos séculos XVII, XVIII e XIX, que enfocaram principalmente o exótico nas culturas indígenas. Preocupação com classificações lingüísticas e tentativas de interpretações começaram a aparecer nos trabalhos de von Martius, von den Šteinen, Coudreau e Kock-Grümburg. Em 1866 foi criada a "Associação Philomática", em Belém, a qual deu origem ao Museu Emílio Goeldi, sendo importante a contribuição de seus membros no que respeita aos estudos de antropologia na Amazônia brasileira. Seu primeiro diretor, Domingos Ferreira Pena, um naturalista, ao mesmo tempo que realizava investigações no campo da geografia, da agricultura e da arqueologia, anotava aspectos importantes das populações regionais e dos grupos indígenas, os quais publicava na *Revista Amazônica* e *Archivos do Museu Nacional*.

Com a reformulação do Museu, em 1894, desenvolvida por Emílio Goeldi, seu novo diretor, o interesse pela etnologia foi incentivado, embora ele fosse zoólogo. Em 1/01/1896 enviou um relatório ao governador do Pará, Lauro Sodré, onde prometeu "participar ativamente no movimento relativo à elucidação do aborígene amazônico". Além disto, este diretor aumentou gradativamente, através de doações e aquisições, o acervo etnográfico da Instituição que dirigia. Coleções famosas como as de Frei Gil de Vila Nova (índios Kayapó) e as de Kock-Grümburg (grupos tribais da área norte-amazônica) passaram a pertencer ao Museu Goeldi.

Posteriormente a zoóloga Emília Sneathlage, também diretora do Museu na década de 1910,

realizou trabalhos entre grupos indígenas na área do Xingu-Iriri (índios Xipaya e Kuruaya).

Paradoxalmente, quando, entre 1915 e 1921, por falta de recursos financeiros, o Museu Goeldi principiava a entrar em decadência, foi que a etnologia, na Amazônia brasileira, começou a traçar seu caminho e a se projetar com os trabalhos prolongados de Curt Nimuendaju, entre grupos indígenas da Amazônia, o qual deu novos rumos à etnologia com permanência mais demorada no campo e a insistência no uso da língua nativa como instrumento de comunicação. Ele realizou suas pesquisas nessa época em colaboração com o Museu. De 1940 a 1945 (ano de seu falecimento) voltou a atuar nessa instituição. Além de trabalhos entre os Apinayé, Tukuna, índios do alto rio Negro, Juruna, Parintintim, Maué, Mura e vários outros grupos tribais da Amazônia, ele elaborou um mapa mostrando a localização e a migração dos grupos indígenas do Brasil e ministrou (de 1942 a 1943) três cursos de etnologia no Museu.

Seguiram-se trabalhos de estrangeiros, não vinculados ao Museu Goeldi, como Lévi-Strauss (Nambikuara e Tupi-Kawahyb), Quain (Trumai), Wagley (Tapirapé e Tenetehara), Murphy (Munduruku), Baldus (Tapirapé), Leacock (Maué), Oberg (índios do Nordeste de Mato Grosso) e Carneiro e Dole (Kuikuro).

Nas décadas de 40 e 50, Eduardo Galvão realizou pesquisas entre os Tenetehara (com Wagley), índios do Xingu e do rio Negro, além de estudar uma comunidade cabocla no baixo Amazonas, também em companhia de Charles Wagley.

Em 1947, como a situação financeira do Museu Goeldi era precária, um grupo de estudiosos do homem na Amazônia (Armando Bordalo da Silva, Eurico Fernandes, Machado Coelho — diretor, à época do Museu — José Coutinho de Oliveira, Manuel Nunes Pereira e Paulo Maranhão Filho) fundou o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, o qual possuía vínculos com o Museu.

\* Este trabalho foi apresentado no Primeiro Seminário de Antropologia Amazônica Colombiana, realizado em Bogotá, de 20 a 24 de setembro de 1982.

1. Os breves dados aqui apresentados foram elaborados com base nos trabalhos de Fernandes (1958), Galvão (1967), Laraia (1978), Oliveira et al. (1980 e Arnaut (1981).

Darcy Ribeiro, em 1951, esteve entre os índios Urubu-Kaapor (rio Gurupi, Ma.) e em 1957<sup>2</sup>, escreveu um trabalho onde enuncia as tarefas urgentes da etnologia brasileira que, resumidamente, eram as seguintes: *a) Inquérito exploratório*, composto por um determinado número de quesitos básicos que permitissem uma visão atualizada dos grupos tribais. Esses quesitos referir-se-iam à estrutura demográfica, condições de interação com a sociedade nacional, grau de aculturação, cultura e língua falada. Além desse inquérito, a cultura deveria ser documentada, também, pela organização de coleções ergológicas, registros cinematográficos e sonográficos; *b) Estudo monográfico intensivo das culturas tribais*. As prioridades seriam dadas àqueles grupos que ainda conservassem sua autonomia, sendo que as populações indígenas que estivessem em contato intermitente com a sociedade nacional ofereciam as condições ideais de pesquisa por não terem, ainda, perdido suas características culturais básicas; *c) Estudo de processos sócio-culturais*, com ênfase nas áreas de aculturação intertribal e no processo de integração das populações indígenas à sociedade nacional; *d) Estudos lingüísticos*, cujas prioridades deveriam ser dadas aos grupos mais integrados, uma vez que suas línguas estariam mais ameaçadas de desaparecimento.

O objetivo desses trabalhos seria salvar o que restou de "sistemas de comunicação verbal e dos modos culturais de satisfação das necessidades humanas, desenvolvidos pelo Homem. Se damos importância à descrição científica das espécies naturais zoológicas e botânicas, se valorizamos as classificações geológicas e tantas outras, que dizer desta obra de documentação das mais singulares criações humanas que são as línguas e culturas, e mais, das últimas que até agora se mantiveram indenes de influências de nossas próprias culturas, todas estandardizadas?" (Ribeiro, 1957, p. 50-51).

Com relação à Amazônia brasileira, algumas áreas e/ou grupos tribais propostos como a parte central das linhas de trabalho enunciadas por Darcy Ribeiro, como as áreas Norte-Amazônica, Tapajós-Madeira, Alto Xingu e Tocantins-Xingu<sup>3</sup>, já foram relativamente estudadas por pesquisadores do Museu Goeldi, Museu Nacional,

Museu Paulista, Universidade de São Paulo, instituições estrangeiras e, mais recentemente, Universidade Estadual de Campinas e Universidade de Brasília, o que não implica que elas sejam reestudadas ou venham a ser objeto de novas pesquisas. Áreas como a do *Juruá-Purus*, *Guaporé* e *Pindaré-Gurupi* estão necessitando ser mais pesquisadas.

As preocupações científicas que orientaram o trabalho de campo na Amazônia brasileira (e no Brasil em geral) foram: *a) O processo de mudança cultural* sofrido pelas sociedades indígenas em contato com a nacional. Inicialmente a ênfase foi dada à descrição de mecanismos e de processos aculturativos, tendo Eduardo Galvão feito um trabalho sobre aculturação entre índios do alto rio Negro (1959), além de um balanço sobre os estudos de aculturação dos grupos indígenas no Brasil (1957). Todavia, dadas as limitações que este tipo de estudo apresentava, a situação de contato passou, também, a ser estudada em seus aspectos *competitivos* e *conflituais*, dentro do que Roberto Cardoso de Oliveira (1972, p. 85-129) chamou de situação de *fricção interétnica*. Foi dada, ainda, atenção à aculturação intertribal e, mais recentemente, à compreensão da identidade étnica em seu relacionamento com a estrutura social, sendo que a identidade é vista como uma modalidade de classificação; *b) Compreensão de aspectos econômicos, sociais ou religiosos das culturas indígenas*. A ênfase foi dada tanto a um desses aspectos ou níveis específicos; quanto a trabalhos monográficos que abordavam a cultura como um todo, mostrando, inclusive, o histórico das relações do grupo estudado com a sociedade nacional. O critério de escolha de alguns desses grupos foi o fato de estarem em vias de extinção; *c) A ação da política indigenista sobre grupos específicos*.

Apareceram trabalhos que versaram especificamente sobre um aspecto da cultura material como a plumária, a cerâmica a pintura corporal e, mais recentemente, foram feitos e estão sendo realizados estudos com a cestaria.

A etnobotânica, a etnoentomologia e a ecologia cultural passaram, também, a ser objeto de pesquisa, embora quase nada tenha sido feito neste campo.

A partir de 1970 com a abertura de rodovias na Amazônia, em especial a Transamazônica, alguns pesquisadores começaram a desenvolver trabalhos que visavam à amenização dos impac-

2. Ribeiro (1957 : 5-102).

3. Para uma definição das áreas culturais indígenas veja-se o trabalho de Galvão (1960).

tos causados ou a causar às sociedades indígenas pelas frentes de expansão em seus diversos níveis. O conhecimento da cultura de um grupo indígena específico e de sua situação de contato com a sociedade nacional passou a ser básico para projetos de desenvolvimento comunitário que foram empreendidos entre os índios Gaviões do estado do Pará, que estão se desenvolvendo entre os Assurini da região de Altamira, entre os Jamamadi e Apurinã e que estão se iniciando entre os Kaxinawá do Acre.

Após mais de meio século de um trabalho extensivo de inventários superficiais das culturas indígenas, a etnologia amazônica (e a brasileira em geral) passou para um trabalho intensivo, onde a convivência prolongada com o grupo tribal é o ponto de partida não só para estudos mais aprofundados da cultura como um todo ou de aspectos específicos da mesma, como também para a autodeterminação dos grupos mais expostos ao contato com a sociedade nacional.

Além de estudos sobre a etnologia indígena surgiram análise das frentes de expansão, trabalhos sobre o mundo rural amazônico, migração e colonização, cultos africanos e festas religiosas.

### ATIVIDADES EM CURSO (1982) NO MUSEU GOELDI

Antes de serem abordadas as pesquisas atualmente em realização no Museu Goeldi, parecem ser de extrema importância algumas informações que cobrem o período de 1954 a 1980.

Em 1º de março de 1954 foi regulamentado, através do Decreto nº 35133, o INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (criado em 29 de outubro de 1952, pelo Decreto nº 31672), que ficou vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, à época nominado Conselho Nacional de Pesquisas. Como nessa ocasião o Museu Paraense Emílio Goeldi, por dificuldades financeiras, estivesse relativamente estagnado, o CNPq realizou um convênio com o Estado do Pará, por intermédio do INPA, em dezembro de 1954, a fim de reativar as pesquisas no Museu, ficando aquela instituição (INPA) com a responsabilidade administrativa e científica do Museu Goeldi, que pode, dessa forma, continuar a realizar suas atividades científicas na Amazônia, nos campos da botânica, geologia, zoologia e antropologia.

Eduardo Galvão, Ph. D. pela Universidade de Columbia, EUA, e já falecido, era extrema-

mente interessado pelos índios e caboclos da área amazônica, conforme já foi mostrado anteriormente. Assim, em 1955, quando o Museu Goeldi já se achava sob a administração do INPA, com maiores possibilidades de recursos financeiros para atuar na região, ele veio para essa instituição e, sob a sua orientação, as pesquisas antropológicas passaram a ter um desenvolvimento contínuo e regular. Embora a área de antropologia do Museu Goeldi fosse tradicionalmente voltada para o estudo das populações indígenas, as populações regionais expressas nos mais diversos segmentos sociais (pescadores, lavradores, agricultores, criadores, posseiros, trabalhadores volantes etc.) também passaram a ser abordadas.

Esse renascer da pesquisa antropológica no Museu foi lento, uma vez que Galvão encontrava dificuldades para atrair, de outros centros, antropólogos capacitados. Apesar do apoio do CNPq, a situação dos pesquisadores era a de bolsistas, o que fazia com que os mencionados antropólogos não desejassem renunciar às suas posições para virem atuar na área amazônica. Lenta e persistentemente, porém, ele conseguiu trazer para Belém pesquisadores como Carlos Moreira Neto, Protásio Frikel (já falecido), Mário Simões, Roberto Las Casas (já não mais no Museu) e Klaas Woortman (presentemente trabalhando na Universidade de Brasília), ao mesmo tempo que começou a preparar bolsistas como Expedito Arnaud, o qual já vivia na região, trabalhando com índios na Amazônia.

Após ter ficado na Universidade de Brasília de 1963 a 1965, Galvão retornou ao Museu Goeldi e embora parte dos primeiros pesquisadores já não se encontrassem na instituição, ele implantou um Centro de Estudos Sócio-Culturais da Amazônia, o qual teve como primeira atividade um Curso de Pesquisa Social (convênio entre o Museu e a SUDAM), no ano de 1968 e, dentre os alunos que concluíram o curso, cinco foram admitidos como bolsistas da Divisão de Antropologia. Neste ano, também, a autora, bolsista da FAPESP (São Paulo), veio terminar sua dissertação de doutoramento sobre os índios Juruna do Alto Xingu, no Museu, o que conseguiu em 1969, aí permanecendo até hoje, como pesquisadora do quadro dessa instituição.

A partir de 1970 foi intensificado um estágio básico na área de antropologia, tendo alguns participantes do mesmo sido aproveitados na Divisão.

Desde a vinda de Eduardo Galvão (falecido em 1976) para o Museu, até o ano de 1980, os antropólogos aí atuantes realizaram aproximadamente 120 trabalhos de campo com duração média de dois meses cada um, além de pesquisas bibliográficas que resultaram na publicação de cerca de 130 trabalhos, sendo 15 deles de feição monográfica, de palestras e conferências variadas, abordando o estudo de: *a)* aspectos sócio-culturais, ergológicos e de situação de contato de grupos indígenas localizados nas regiões do Alto Rio Negro (AM), Baixo e Médio Madeira (AM), Médio Solimões (AM), Rio Branco-Arariçoca (RR), Rio Catrimani (RR), Oiapoque (AP), Paru de Oeste e de Leste (PA), Jari (PA), Tocantins-Xingu (PA), Tapajós (PA), Guamá (PA), Alto Xingu (MT), Grajaú-Pindaré (MA) e Barra do Corda (MA); *b)* sociedades rurais situadas no Nordeste Paraense e nos Campos de Marajó (PA) e sua compreensão no contexto regional; *c)* segmentos regionais e administração oficial em Aripuanã (MT); *d)* organização social e economia de Oriximiná (PA) e Marapanim, uma comunidade de pescadores localizada na região do Salgado (PA); *e)* sistema de patronagem e aviamento nas áreas do Médio Rio Negro (AM), Santarém (PA) e Quatipuru (PA); *f)* festas religiosas: o Círio de Nazaré, em Belém (PA); *g)* grilagem em Belém (PA).

Também o acervo etnográfico foi acrescido, possuindo agora cerca de 14.000 peças.

Em 1981 foi apresentado à FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), pelo Departamento de Ciências Humanas do Museu Goeldi, um projeto denominado “Estudos sobre o Homem na Amazônia”, em que os aspectos antropológicos, arqueológicos, históricos e lingüísticos do estudo do Homem na região enfocada deveriam assumir, sempre que possível, um caráter interdisciplinar<sup>4</sup>, uma vez que as alterações que estão sendo causadas na área pelas frentes de expansão da sociedade nacional e/ou projetos desenvolvimentistas requerem um conhecimento e um planejamento cuidadoso a fim de que o homem seja o fim e não o meio desses projetos e a natureza possa ser protegida.

Os estudos específicos de antropologia eram definidos a nível de 4 áreas, sendo uma delas de treinamento e aperfeiçoamento de pessoal. As outras referiam-se a:

1) *Índio e sociedade nacional na Amazônia*, em que o entendimento das sociedades indíge-

nas deveria ser procurado a partir do relacionamento externo desses grupos com as frentes da sociedade nacional que os envolvem. Esta linha de pesquisa abrange os seguintes temas: *a)* história do contato com os brancos; *b)* frentes de expansão nacional – características da frente regional; *c)* agentes da sociedade nacional – missões religiosas e a FUNAI especialmente; *d)* situação de contato (incluindo relações de trabalho); *e)* reflexos da implantação dos projetos de desenvolvimento e colonização sobre grupos indígenas; *f)* demografia; *g)* necessidades dos grupos indígenas em termos de garantia de terra e assistência governamental; *h)* representação dos índios e dos brancos sobre o outro grupo étnico.

2) *Etnologia dos grupos indígenas*, em que esses grupos, metodologicamente, deveriam ser entendidos por sua lógica interna. Além de estudos específicos de aspecto da cultura, como a organização social, a atividade xamanística e outros, as monografias de sociedades tribais e as classificações ergológicas poderiam constituir temas dessa linha de pesquisa. Aliás, o Museu Goeldi possui um valioso acervo de peças etnográficas que merece não apenas ser conservado e organizado mas também compreendido dentro do contexto cultural do qual se originou. Além disso, estudos da tecnologia indígena através de objetos representativos de sua cultura material poderão revelar-se estratégicos na busca de soluções para a ocupação da Amazônia, uma vez que há séculos os índios conseguem viver em harmonia com o meio ambiente que circunda suas aldeias.

3) *Campesinato na Amazônia brasileira* em que, dentro do quadro interpretativo da teoria do campesinato, procura-se ver: *a)* qual a situação

4. A respeito de estudos interdisciplinares e interinstitucionais queremos chamar a atenção para o que disse Galvão, em 1953, na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia: “... Mas de qualquer maneira, e isso com especial referência às instituições que patrocinam as pesquisas antropológicas, faz-se mister a reunião de especialistas e a coordenação de suas pesquisas em torno de problemas de interesse teórico mais amplo que os de iniciativa individual. Não se trata de *dirigir* pesquisas etnológicas de modo praticista, mas de coordenar esforços e recursos para a análise de problemas de interesse teórico generalizado que realmente beneficiem nossa ciência. De outra forma continuaremos a marcar passo nas tentativas pioneiras, brilhantes em sua maioria, mas de resultados ainda aquém das possibilidades de seus realizadores e dos recursos utilizados nessas pesquisas” (1957 : 74).



dos sistemas sócio-culturais frente ao modelo de sociedades camponesas e b) qual a forma específica de organização camponesa encontrada nas áreas de pesquisa escolhidas.

Tais estudos abrangem os seguintes temas: formas de "campesinato" existentes, uso de plantas no processo terapêutico do "caboclo", hábitos alimentares, migrações, tecnologia, manifestações culturais afetadas pelo turismo e pelos projetos "desenvolvimentistas", relações de produção e de mercado de pequenos produtores (pescadores, lavradores, palmiteiros, juteiros), mão-de-obra volante na agricultura, impacto da tecnologia moderna na agricultura tradicional, outros.

Também nos estudos de campesinato, a base conceitual utilizada torna-o suficientemente amplo para que seus resultados possam ser utilizados como alicerce para o planejamento da região.

Em 1982 achavam-se em execução, no Museu Goeldi, os seguintes subprojetos de antropologia, ligados aos "Estudos sobre o Homem na Amazônia".

## 1. ÍNDIO E SOCIEDADE NACIONAL

1.1. *O índio e a expansão nacional. Responsável: Exedito Coelho Arnaud.*

*Áreas de Pesquisa: Norte Amazônica* (Oiapoque-Uaça, Território do Amapá) — índios Palikúr, Galibi e Karipuna; populações fronteiriças — *Tocantins-Xingu* (Pará) índios Parakanã, Akuawa-Asurini, Araweté, Asurini, Kayapó e Gaviões de Oeste; populações regionais — *Guajarina* (Pará) — índios Tembé e frentes agropecuárias — *Médio Solimões* — índios Mirânia, comunidades regionais (já concluídos os estudos) — *Território nacional* — Etnohistória e legislação.

*Objetivos:* Estudos sobre grupos indígenas em interação com frente de expansão nacional e comunidades regionais, compreendendo o seguinte: a) etnografia e análise dos grupos indígenas envolvidos no processo-território, cultura, organização social, economia e ideologia; idem das frentes de expansão extrativista (borracha, castanha, garimpagem, mineração, madeira) e agropecuárias; microrregiões e comunidades regionais; populações fronteiriças; empresas comerciais e regatões; missões religiosas (católicas e protestantes); órgãos oficiais (SPI, Funai, Sudam, Incra, FAB, DNER etc.); b) Exame da dinâmica das relações dos grupos indígenas com as frentes

de expansão, comunidades regionais e segmentos de fronteira (evitação, colaboração, competição e conflito), avaliando-se os pontos de vista dessas frentes, comunidades, empresas, regatões etc., quanto às terras, mão-de-obra e produção indígena, e as conseqüências para os indígenas no que concerne a sua economia, contexto sócio-cultural e ideologia; em contraposição, verificar os pontos de vista dos indígenas e a forma como atuam em suas relações com esses grupos; c) exame da atuação das missões religiosas junto aos grupos indígenas (saúde, educação, economia, ideologia) e outras atitudes tomadas com respeito às situações tribais; idem, da ação oficial sobre os índios (legislação, assistência, utilização da mão-de-obra indígena) Colônia, Império e República (SPI, Funai, Sudam, FAB, DNER e Incra); d) Integração, assimilação e extinção de grupos indígenas.

*Justificativa:* As pesquisas vêm sendo orientadas em função da *ciência básica*, mas, como seus resultados possibilitam a compreensão dos processos sócio-culturais, econômicos e ideológicos, tanto das sociedades indígenas com nacionais, assim como as situações provocadas pelos contatos e ações missionária e oficial, poderão ser estendidos ao campo da *ciência aplicada*. Além de relevantes para o acúmulo do conhecimento antropológico poderão servir como subsídios para as programações oficiais e missionárias, com respeito à orientação de mudanças nas sociedades indígenas.

*Metodologia:* Consoantes os próprios objetivos, os estudos vêm obedecendo linhas de orientação diacrônica e sincrônica, com a aplicação de pressupostos teóricos segundo as circunstâncias oferecidas. Técnicas — *Laboratório* — Interpretação e fichamento de material bibliográfico e documental; ordenação e análise das notas de campo; elaboração de quadros estatísticos, sobretudo nos aspectos demográficos e econômicos; *Campo* — Observação direta, simples e/ou participante; entrevistas com índios, caboclos, funcionários públicos, missionários, empresários etc.; histórias de vida.

*Prazo de execução:* O projeto foi iniciado em 1971 e encontra-se em prosseguimento. Vários trabalhos já foram publicados: Arnaud: 1971(3), 1973(2), 1974(1), 1975(2), 1976(2), 1977(1), 1978(4), 1979(1), 1980(1), 1981(2), Arnaud & Alves: 1974(1), 1975(1); Arnaud & Cortez & Alves: 1975(1); Arnaud & Cortez: 1976(1); Arnaud & Cortez & Velthen: 1976(1).

## 1.2. Índios e agentes da sociedade nacional

*Responsável:* Adélia Engrácia de Oliveira Rodrigues

*Áreas de pesquisa:* Rio Negro e Rio Madeira (AM).

*Objetivos:* a) conhecer a cultura e as condições de interação tanto dos índios Baniwa e caboclos do Rio Negro (AM) quanto dos índios Mura (AM), com agentes da sociedade nacional e a análise das mudanças ocorridas face a esse contato; b) Verificar se a educação fornecida pelas escolas indígenas está em concordância com a realidade tribal e até que ponto leva em conta o grau de aculturação do grupo.

*Justificativa e situação atual:* Depois de terem sido realizadas pesquisas de campo na região do rio Negro (AM) em 1971 e 1972, do qual resultaram 5 trabalhos publicados (Oliveira, 1975a, 1975b, 1979, 1981 e Oliveira & Galvão, 1973), a nossa atenção foi voltada para os índios Mura, do rio Madeira (AM), uma vez que, através de um levantamento bibliográfico preliminar, realizado essencialmente em Baldus (1954 e 1968) e O'Leary (1963), chegou-se à conclusão de que sobre esses índios só existiam dados históricos e lingüísticos. A informação etnológica era bastante precária, de caráter exploratório. Não se conhecia a cultura Mura e nem a dinâmica de seu envolvimento com a sociedade regional.

Sabia-se que problemas como dizimação tribal e a dissociação cultural tinham origem, também, em fatores pré-aculturativos, decorrentes de interação biótica e ecológica. Mas questões como a transformação abrupta e compulsória da economia Mura, antes uma economia de subsistência e agora já engajada num sistema de troca extratribal, necessitavam ser compreendidas antes que o processo de integração desses índios à sociedade nacional se completasse. Assim, para a consecução dos objetivos propostos foram escolhidas duas situações polares: a dos índios Mura-Piranhã dos rios Marmelos e Maici (médio Madeira), que são menos integrados, e a dos Mura da região do Autaz-Açu (baixo Madeira), que já estão deculturados e vivem em Posto da FUNAI (Barbosa Rodrigues). Entre os primeiros foi realizado trabalho de campo em 1973, 1975 e 1976 e entre os segundos em 1975. Três trabalhos já foram publicados (Oliveira, 1978; Oliveira & Rodrigues, 1975 e Rodrigues & Oliveira, 1977). Dados sobre o nível ideológico dos Mura do Autaz estão sendo agora analisados.

*Metodologia:* A fim de se alcançar os objetivos propostos foram realizadas pesquisas de campo e bibliográficas. Com o trabalho de campo nas áreas dos rios Maici, Marmelos e Autaz, pôde-se observar a organização econômica, política, social e religiosa desses índios, seja na época da chuva, enchente, vazante ou seca e verificar a atuação dos caboclos, regatões, missionários e agentes da FUNAI que entram em contato com os Mura. As técnicas empregadas foram: observação direta, história de vida, genealogias de todas as famílias, levantamentos demográficos, entrevistas, diário de campo, registros fotográficos e filmes.

## 1.3. Os índios e as barragens: o caso Parakanã.

*Responsável:* Antônio Carlos Magalhães.

*Área de Pesquisa:* Município de Tucuruí – Sudeste do Estado do Pará.

*Objetivos:* a) Levantamento e estudo dos exemplos de outras barragens que vêm atingindo, ou já atingiram, grupos sociais de minorias étnicas: o exemplo internacional e a experiência nacional; b) Conhecer os efeitos sobre os índios Parakanã da implantação da barragem de Tucuruí; c) Verificar a ação do órgão oficial de proteção ao índio frente à barragem de Tucuruí; d) Verificar os custos sociais e ecológicos da barragem de Tucuruí, não só para os Parakanã mas também para a população regional; e) Tentar fornecer alternativas para uma política indigenista em relação à construção de barragens.

*Situação atual:* Este trabalho, que é definido pela ação do Estado em face das sociedades indígenas e encontra-se, portanto, mais voltado para o campo da antropologia política, está em fase de redação e deverá constituir-se numa tese de mestrado. Pesquisas de campo (1978 e 1979) e bibliográficas foram realizadas.

## 1.4. Os índios do Alto Rio Negro e os agentes de contato. Responsável: Antônio Maria de Souza Santos.

*Área de pesquisa:* São Gabriel da Cachoeira (Alto Rio Negro – AM).

*Objetivos:* Analisar a situação dos grupos tribais da região do Alto Rio Negro face aos agentes de contato: frentes econômicas, FUNAI, bancos e outras instituições que atuam na região mencionada, de modo especial as Missões Salesianas.

*Situação atual:* Esta pesquisa foi iniciada em 1979 e com a consecução dos objetivos através de pesquisas de campo (3 viagens já realizadas e uma programada para julho e agosto do presente ano) e leituras elucidativas a níveis teórico, monográfico e documental, identificou-se em São Gabriel da Cachoeira três grupos sociais sobre os quais intensificou-se a observação: imigrantes nordestinos, recrutas e "makus". Os primeiros são chamados comumente de *peões* e foram para São Gabriel trabalhar na construção da estrada Perimetral Norte. Os recrutas são os soldados do BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) e os últimos são os índios em vários níveis de aculturação que moram em São Gabriel.

Com o andamento da pesquisa, a discussão e a elaboração preliminar do material coletado, foi possível ao seu autor redefinir a pesquisa em função de sua tese de mestrado que abordará o tema: "Os homens da região: urbanização e etnicidade no alto Rio Negro (AM) – São Gabriel da Cachoeira". Essa abordagem utiliza a noção de grupo étnico, da identidade, e toma o termo urbanização num sentido amplo, onde a presença da cidade como categoria sociológica é importante.

*1.5. Identidade étnica e etnicidade: os índios Makuxi em Boa Vista – Roraima. Responsável: Roberto Cortez.*

*Área de pesquisa:* Boa Vista (Roraima).

*Objetivos:* Estudar a situação de um grupo indígena, no caso os Makuxi, em seu processo de inserção numa sociedade "complexa".

*Situação atual:* Este sub-projeto encontra-se em fase de elaboração, tendo seu autor realizado uma pesquisa de campo (10 dias) este ano, e deverá constituir-se numa tese de doutoramento.

## 2. ETNOLOGIA DOS GRUPOS INDÍGENAS

*2.1. A ergologia Wayana-Aparai. Responsável: Lúcia Hussak van Velthem.*

*Área de pesquisa:* Alto e médio rio Paru de Leste e seu afluente rio Citaré – Parque Indígena de Tumucumaque (PA); confluência dos rios Ipitinga e Jari (PA).

*Objetivos:* Compreensão dos diversos aspectos da organização social dos índios Wayana-Aparai, através do estudo da cultura material, sobretudo

os que estão relacionados com as tradições orais, sistemas de classificação, organização dos meios de produção e do aproveitamento do meio ambiente.

*Justificativas:* O estudo da ergologia Wayana-Aparai é importante em termos da sociedade indígena referida e em termos mais amplos. Constituem-se em diversas expressões materiais desta cultura mas permitem a apreensão de vários aspectos da organização social do grupo indígena de onde se originam.

A cultura material Wayana-Aparai fornece possibilidades de estudo que se coadunam com três facetas do interesse da autora deste subprojeto em trabalhos antropológicos: *a)* Estudos a partir de objetos depositados em museus, de proveniência indígena brasileira, e a formação de novas coleções. Este estudo oferece um enfoque diacrônico e sincrônico, complementando a bibliografia pertinente no que se refere a aspectos etnohistóricos do estudo da cultura material; *b)* Estudos etnográficos sobre aspectos mais técnicos necessários para análises a nível ergológico, notadamente para comparação com as diversas produções artesanais de outros grupos indígenas norte-amazônicos pertencentes à família linguística Karib; *c)* Estudos de organização social enfocados a partir do exame de objetos manufaturados, no caso da cestaria, mais diretamente relacionado com os meios de produção e os rituais de iniciação.

*Desenvolvimento:* A pesquisa em questão tomou como ponto de partida o estudo da cestaria (trançados) de fibras vegetais e que constituem parcela do vasto repertório da cultura material dos Wayana-Aparai, o qual engloba igualmente plumária, cerâmica, adornos de miçanga, parafernália ritual utilitária, moradia, objetos de casa, armas e outros itens, até o presente confeccionados e utilizados tendo como base modelos tradicionais. Neste quadro, a cestaria insere-se praticamente em todos os domínios da vida indígena: no âmbito doméstico como o instrumental necessário para o processamento e acondicionamento alimentar; no desempenho ritual; nos enterros, encerrando ossos cremados; enfim no arranjo dos mais variados objetos, tanto masculinos como femininos e também por se constituir no principal objeto de permuta com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

Portanto, para o estudo da cestaria Wayana-Aparai, a pesquisa desenvolve os seguintes aspectos:

A – *Os trançados e a museologia*: Partindo de uma coleção etnográfica sistemática, documentada e representativa do repertório Wayana-Aparai, são discutidos a importância dos estudos e da conservação de coleções em museus, além de permitir estudos pormenorizados de caráter museográfico, com o intuito de formar um catálogo.

B) – *A etnografia dos trançados*: Visa fornecer informações sobre um campo técnico e de manipulação dos trançados, onde são pesquisados dados referentes à localização e coleta de matéria-prima, processamento da mesma, técnicas usadas na manufatura, acabamentos, reparações, reciclagem e reaproveitamento dos trançados. Este estudo refere-se igualmente às classificações e apreensão dos trançados pela sociedade Wayana-Aparai onde se destaca a importância da cestaria no contexto geral desta cultura; classificaçãoêmica a partir da divisão dual *Warumë* e *Kararaimë*, terminologia empregada para as partes do cesto e fatores determinantes da qualidade e complexidade de manufatura.

C – *Os trançados e a sociedade Wayana-Aparai*: Procura-se atingir alguns aspectos fundamentais da organização social Wayana-Aparai relacionados aos mitos de origem, notadamente o mito de *Tülupere* que, entre outros temas, relata a forma como os Wayana copiaram os desenhos para seus objetos e pintura corporal. Na atual sociedade Wayana-Aparai o “copiar os desenhos de Tülupere” principia pelo aprendizado do futuro artesão e se desenvolve em busca de aperfeiçoamento e maior número de reproduções, ou seja, “conhecimento”, este por sua vez relacionando com as interdições referentes ao fabrico dos trançados, com o local de trabalho e os momentos de confecção, com os trançados dos jovens e dos velhos. Um artefato pronto relaciona-se com sua utilização pelas mulheres e obrigações familiares de fornecimento destes objetos trançados e com as trocas e dídivas.

D – *Os trançados e a ARTINDIA*: Destas transações comerciais são especialmente enfocados a implantação da ARTINDIA entre os Wayana-Aparai, os objetos comercializados, preços pagos, as modificações introduzidas pela comercialização ao nível da confecção e da organização social. Será tratado, também, o mecanismo da ARTINDIA em suas operações com os Wayana-Aparai, seguindo-se a trajetória de um trançado confeccionado em Aldeia Aparai.

*Metodologia*: A – Levantamento bibliográfico: A respeito dos índios Wayana-Aparai há poucos trabalhos específicos, notadamente sobre os grupos existentes no Brasil. As referências, até o presente conhecidas, relacionam-se com relatos de cientistas e viajantes, cujas atividades iniciaram-se no século XVII e incrementaram-se no início deste século e com estudos lingüísticos e etnológicos, os primeiros conduzidos pelo SIL e, os demais, por etnólogos estrangeiros, notadamente Daniel Schoepf.

A – Pesquisa de campo: Até o presente foram realizadas 4 excursões a campo em 1975, 1977, 1978 e 1981, às aldeias do rio Paru de Leste e Jari.

Os primeiros locais de pesquisa são as aldeias de Karapaieukú (Aldeia Apalai) Aramapuku, Xuixuimó e Parukawarepata. Em Xuixuimó foram coletadas a maior parte dos dados.

A pesquisa de campo compreende trabalhos participantes, entrevistas, gravações, fotografias e confecção de fichas de grande número de itens da cultura material Wayana-Aparai. São também coletados objetos para a formação de coleção, incorporada ao acervo do Museu Goeldi, objetivando posteriores estudos, de caráter museográfico.

C – Pesquisa museográfica: Consta sobretudo de estudos museográficos com peças do acervo dos museus Goeldi, Paulista, Plínio Ayrosa, Nacional e do Índio, incluindo identificação, catalogação e classificação. A finalidade deste levantamento é a de apresentar um quadro referencial das coleções Wayana-Aparai e salientar a importância da formação de uma coleção e de seu estudo enquanto coleção etnográfica.

*Situação atual*: Este estudo, iniciado em 1975, está em fase final de análise e redação, destinando-se à dissertação de mestrado de sua responsável, a qual pretende continuar a estudar a cultura material dos Wayana-Aparai através de sua cerâmica, moradia e outros itens diversos.

Já foram publicados dois trabalhos (1976 e 1980).

2.2. *Estudo sobre ergologia indígena. Responsável: Ivelise de Souza Rodrigues.*

*Área de pesquisa*: Nordeste e Amazônia.

*Objetivos*: a) Conhecimento sistematizado das coleções pertencentes à área de antropologia do Museu Goeldi, a fim de deixar registrado todo esse acervo ergológico, principalmente no que diz respeito às coleções mais antigas; b) Conservação e inventário dessas coleções.



*Justificativas:* O estudo da ergologia indígena, através das coleções existentes no acervo do Museu Goeldi, faz-se necessário porque quase nada foi escrito a este respeito. O Museu Goeldi, como uma instituição voltada para a pesquisa e a informação, procura incorporar a noção de uma instituição permanente a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento cultural. Assim ele adquire, conserva e exhibe, para estudo, lazer e comunicação, a evidência material do homem e do seu meio. O Museu não deve ser estático, resumindo-se num almoxarifado de antiguidades. Ao mesmo tempo que ele revela as origens e a cultura de um povo, ele deve conduzir ao debate e à crítica. Sendo assim, torna-se importante um estudo que pretende informar e documentar as coleções existentes na área de antropologia, sendo que as mais antigas datam de 1905.

*Metodologia:* Através de uma abordagem diacrônica e, quando possível, sincrônica, pretende-se descrever e analisar os componentes da cultura material de grupos tribais indígenas na Amazônia brasileira, representados no acervo da área de antropologia do Museu Goeldi. Para isso serão utilizadas como técnicas de trabalho, fichas específicas elaboradas a partir de um levantamento na bibliografia (indígena e relativa ao meio ambiente) e no acervo etnográfico do Museu; recursos de antropologia visual para registros de peças visando à elaboração de um fichamento; mapas e documentos diversos.

Quanto às técnicas de conservação serão utilizadas: *a)* arrumação das coleções em armários adequados, *b)* desinfecção, uso de venenos, *c)* inventário, *d)* identificação e *e)* classificação.

*Situação atual:* Este sub-projeto acha-se em fase inicial de levantamento bibliográfico, para comparação com as peças existentes no Museu.

### 3. CAMPESINATO NA AMAZÔNIA

*3.1. Santarém, campesinato, patronagem e mudança social numa área amazônica. Responsável:* Isidoro Maria da Silva Alves.

*Áreas de pesquisa:* Município de Santarém (PA); planalto ao sul da cidade e na várzea do rio Amazonas.

*Objetivos:* *a)* Estudar a situação atual do campesinato no município de Santarém e suas possibilidades de expansão ou não, face a um conjunto de mudanças que incidem sobre a região Amazônica; *b)* Estudar o funcionamento presente do

sistema de aviamento como uma expressão da patronagem com os reforços que a relação social apresenta.

*Situação atual:* Esta pesquisa que se encontra em andamento desde 1977 deverá constituir-se numa tese de doutoramento e baseia-se essencialmente em trabalho de campo, tendo seu autor feito observações em torno de: a existência de um forte setor camponês, na chamada área da colônia, no sul do planalto santareno, formado fundamentalmente por migrantes nordestinos, ainda que tenha suas possibilidades de expansão diminuídas com o avanço do sistema viário e da economia da pecuária, ainda não teve sua estrutura desarticulada; o funcionamento do aviamento como expressão de relações de patronagem mais amplas se reorienta, uma vez que na região — e tomando-se como objeto de observação empírica, a área de várzea santarena — tal sistema parece funcionar como princípio organizatório; a repercussão da mobilização da “fronteira” amazônica sobre o campesinato instalado ou nascente na região, tem sido muito grande dado o caráter subordinado deste último.

*3.2. Aspectos Econômicos e Sociais do Campesinato no Nordeste Paraense. Responsável:* Lourdes de Fátima Gonçalves Furtado.

*Objetivos:* Levantar descrever e analisar os problemas dessa região, a qual vem sofrendo descaracterização de sua vida tradicional, provavelmente pela interferência de compulsões externas que acompanham a expansão do sistema viário e das frentes econômicas de natureza extrativista e agropecuária, tendo em vista o entendimento do processo da ação dessas compulsões sobre as populações locais e a reação das mesmas a esses agentes externos.

*Situação atual:* Estudos sobre a pesca artesanal em Marudá, Tamaruteua, Camará e outras localidades do litoral do Salgado, já foram concluídos com a apresentação de trabalhos (Furtado, 1978 e 1981; Furtado e Nascimento, 1982) e a dissertação de mestrado da autora (Furtado, 1980). No momento procura-se definir as relações de produção e de mercado entre os pequenos produtores da lavoura, tendo em vista uma comparação com os da área pesqueira, a fim de que se possa compreender o que é o “campesinato” e de que forma ele se manifesta na Amazônia. Procura-se, também, compreender as relações de trabalho de caráter *subordinado* represen-

tadas, de um lado, pela mão-de-obra volante (peões) e, de outro, pelos empresários que recentemente se implantaram na região (agropecuários e extrativistas-palmito), uma vez que elas significam um contraste com as atividades tradicionais da região.

Com as descobertas de eventos indicadores de descaracterização cultural e ambiental da região em que se desenvolve essa pesquisa, surgiram outras atividades, as quais estão sendo realizadas por orientandos da responsável (Lourdes Furtado). São elas:

**3.2.1. Hábitos alimentares na região do nordeste paraense.** Responsável: Arian da Costa Nery.

*Área de pesquisa:* São Luiz do Caripi (Município de Igarapé-Açu) e Marudá (Município de Marapanim) – PA.

*Objetivos:* Descobrir, descrever e analisar os hábitos alimentares numa comunidade agrícola (São Luiz) e numa comunidade pesqueira (Marudá) a fim de verificar as alterações sofridas nesses hábitos pelo processo de mudança que está ocorrendo no Nordeste Paraense e, na medida do possível, buscar alternativas alimentares para o homem citadino.

*Situação atual:* Dados coletados em São Luiz do Caripi estão em fase de análise e visam ao conhecimento de: *a)* causas que concorrem para a retração dessa região, outrora florescente, e considerada como um dos setores abastecedores do mercado de Belém no que se refere a produtos da lavoura; *b)* novos hábitos alimentares que surgiram em consequência da estagnação da produção lavoureira tradicional, uma vez que na área já se inicia uma agricultura mecanizada introduzidas pelas frentes de expansão (pimenta-do-reino, algodão e mamão havaiano); *c)* consequências sociais desse processo de mudança, no que se refere aos hábitos alimentares tradicionais.

Dados sobre Marudá, a comunidade pesqueira, já começaram a ser levantados, com o propósito de uma análise comparativa que possa dar resposta a questões formuladas e constatar os valores alimentares incluídos em suas dietas diárias.

**3.2.2. Classificação sócio-cultural de plantas no litoral de Marapanim.** Responsável: Ruth Viana Cortez de Souza.

*Área de pesquisa:* Marapanim.

*Objetivos:* *a)* identificar os critérios em que está baseada a classificação social das plantas, uso

e finalidades das mesmas, sobretudo os relacionados com o caráter medicinal atribuído no sistema de representações sociais dos agentes que utilizam as plantas; *b)* verificar os fatores que possivelmente possam influenciar no abandono das práticas terapêuticas utilizadas pelos segmentos “caboclos” da região.

*Situação atual:* Já foi realizado parte do levantamento bibliográfico sobre o assunto em uma análise preliminar do material já coletado em campo, o que resultou numa publicação (Furtado, Souza & Berg, 1978). No momento a responsável por esta pesquisa encontra-se na Universidade de Brasília como aluna especial do curso de mestrado.

**3.2.3. Êxodo populacional numa comunidade pesqueira.** Responsável: Maria Ivete Herculano do Nascimento.

*Área de pesquisa:* Tamaruteua, litoral do Nordeste Paraense.

*Objetivos:* *a)* Definir os fatores que têm concorrido para o indivíduo abandonar sua comunidade; *b)* Identificar as principais áreas para onde se dirigem os migrantes; *c)* Observar a proporção dos indivíduos que voltam ao lugar de origem e os motivos do retorno; *d)* Definir os tipos de pressões atuantes sobre a área estudada e suas possíveis relações com o êxodo populacional.

*Justificativa:* A escolha do problema sobre emigração deu-se em função de contatos variados com a região do Nordeste Paraense, o que permitiu a observação do esvaziamento que atinge diversas comunidades da área, tanto na zona agrícola como na pesqueira onde se evidencia um enfraquecimento do setor produtivo com a saída de um contingente significativo da mão-de-obra.

A comunidade de Tamaruteua foi escolhida como ponto de partida para o estudo da questão migratória na área pesqueira porque nela estão acentuadamente presentes os indicadores da emigração, a ponto de sua extinção enquanto grupo social ter sido levantada por seus próprios moradores.

*Situação atual:* O presente estudo constitui a etapa inicial de uma pesquisa mais ampla sobre *migrações internas* na área escolhida, onde se pretende observar principalmente o direcionamento do fluxo migratório: se rural-urbano ou rural-rural, além das motivações do fenômeno.

De acordo com os objetivos, acima definidos, constatou-se o seguinte em Tamaruteua: as condições de vida nessa ilha apresentam certas peculiaridades que dificultam a fixação da população, sendo que a dificuldade de abastecimento de água potável é a que mais atinge os seus moradores, particularmente durante o verão; a ausência de atendimento médico é outro fator de expulsão que se tem agravado com o desuso em que estão caindo as formas de tratamentos tradicionais à base de remédios caseiros e da atuação de parteiras, curandeiros e outros. Este abandono das formas tradicionais de tratamento sem o necessário atendimento da medicina convencional, visto que não há na comunidade posto médico ou mesmo uma pessoa qualificada a um atendimento, força e população a deslocar-se, sempre que necessário, à sede municipal ou mesmo a Castanhal e Belém; a localização geográfica da comunidade também concorre para a mobilidade espacial. Como ela fica numa nesga de praia circundada por mangues, sendo sujeita a inundações periódicas, não há qualquer espécie de agricultura no local; além dos fatores já mencionados, a busca de educação formal é um fator decisivo para a emigração. A preocupação e a ansiedade que os pais demonstram com relação ao "Estudo", evidencia uma forte valorização da educação como via de ascensão social que geralmente se liga à idéia de deixar a comunidade para engajar-se em uma profissão diversa da de pescador (em Tamaruteua existe escola somente até a 3ª série do primeiro grau).

Tamaruteua, como outras comunidades congêneres do Nordeste Paraense, tem sofrido o impacto de fatores de mudança, particularmente com a expansão do sistema viário que, entre outras modificações, intensificou a utilização do peixe *in natura* em detrimento do uso do peixe salgado ou seco. Apesar de Tamaruteua estar situada em uma ilha e o meio de transporte utilizado ser a lancha motorizada, a conexão entre os marreteiros que compram os peixes dos pescadores e fazem a entrega deste em Marapanim permite que ele, acondicionando em gelo, atinja centros consumidores como Castanhal e Belém.

Por outro lado, as facilidades de transporte e os conseqüentes contatos com os centros urbanizados exercem uma forte atração principalmente sobre os jovens.

A decisão de emigrar é, assim, a resultante de uma somatória de fatores de expulsão.

Esta problemática que a vivência em Tamaruteua trouxe à pesquisadora responsável pelo subprojeto, levou-a a pensar na busca de soluções e, com este objetivo, ela planeja, para trabalho posterior, uma associação de seus esforços com os da própria comunidade, para uma antropologia de ação, visando a solução de problemas que os habitantes da comunidade julguem mais prementes.

*Metodologia:* A técnica mais usada foi a observação participante. A entrevista, histórias de vida e formulários foram utilizados na obtenção de dados. Como unidade de investigação tomou-se o grupo doméstico, compreendido como o grupo de pessoas residentes na mesma casa.

*3.2.4. Alimentação de crianças, relações sociais e as condições de vida de trabalhadores volantes numa comunidade agrícola do Nordeste Paraense. Responsável:* Gracinda Melo Bandeira.

*Área de pesquisa:* Igarapé-Açu (PA).

*Objetivos:* Contribuição aos estudos da caracterização sócio-cultural do Nordeste Paraense; Conhecer o processo de mudanças ocorrido na área de pesquisa e verificar como o mesmo está-se refletindo na alimentação infantil (faixa etária de 1º dia de vida a um ano); Conhecer, também, as causas que têm levado à retração e/ou eliminação do ato de aleitar a criança, pelo uso de outros substitutivos.

*Situação atual:* Esta atividade de pesquisa encontra-se em fase inicial, de levantamento bibliográfico. Uma primeira coleta de dados em campo será realizada na 2ª quinzena de julho p. v.

*Metodologia:* Utilização de pesquisa de campo e bibliográfica com a finalidade de se ter uma perspectiva sincrônica e diacrônica.

*Técnicas:* observação participante, entrevistas, formulários, histórias de vida, registros fotográficos.

*3.3. Relação de produção em Tomé-Açu. Responsável:* Isolda Jucá Maciel da Silveira.

*Área de pesquisa:* município de Tomé-Açu.

*Objetivos:* a) verificar a relação de produção existente dentro do sistema de trabalho desenvolvido pelos japoneses na agricultura, para o cultivo de produtos perenes e de curta duração; b) Estabelecer comparação entre Tomé-Açu e sua agricultura intensiva, com outros municípios do

Nordeste Paraense que repousam suas bases econômicas na agricultura extensiva; c) Detectar as transformações ocorridas na agricultura regional, decorrentes do processo de imigração de estrangeiros e, sempre que possível, estabelecer comparações com a imigração estrangeira ocorrida no extremo sul do Brasil.

*Situação atual:* Já foram realizados os levantamentos bibliográficos e três etapas de trabalho de campo. A pesquisa encontra-se em fase de análise e redação.

*Técnicas empregadas durante o trabalho de campo:* observação participante, entrevistas, história-de-vida, formulário (fornecimento de dados para a amostra).

### 3.4. Campos de Marajó. Aspectos gerais do campesinato. Responsável: Maria José Carvalho Brabo.

*Área de pesquisa:* Municípios de Muaná, Cachoeira do Arari e Santa Cruz do Arari – Ilha de Marajó (PA).

*Objetivos:* a) Analisar as várias situações concretas de segmentos rurais como: roceiros, pescadores, extratores e ver até que ponto estão inseridos dentro de um sistema econômico camponês, valendo-se de uma perspectiva comparativa a fim de fornecer um quadro de referência dos campos de Marajó; b) Estudar os roceiros, pescadores e extratores em razão da própria tecnologia de que dispõem e que não lhes permite competir com setores mais dinâmicos, discutindo a forma pela qual se realiza a sua participação no mercado local, regional e internacional e ao mesmo tempo sua produção ao nível de subsistência; c) Observar até que ponto esses segmentos podem ser considerados como “unidades camponesas”, utilizando-se como referência sua organização social, formas de ocupação e distribuição no espaço, atividades econômicas, tecnologia, organização de trabalho, distribuição da produção e relações sociais.

*Metodologia:* Os segmentos mencionados serão estudados dentro do quadro geral do campesinato, com um apoio bibliográfico e com pesquisa de campo, a qual será realizada em períodos distintos – *estiagem e chuvas* –, uma vez que as atividades econômicas dos segmentos rurais são condicionadas pelas alternâncias das estações.

*Técnicas de pesquisa:* Observação direta, complementada principalmente com entrevistas, histórias de vida, registro fotográfico e filmes. O

discurso do informante será usado como recurso etnográfico na elaboração dos resultados, o que permitirá uma articulação entre a teoria e a realidade empírica pesquisada.

*Situação atual:* Esta pesquisa, iniciada em 1975, já teve seus resultados publicados em três trabalhos (Brabo, 1979a, 1979b e 1981). Presentemente sua autora encontra-se no Museu Nacional (RJ) realizando curso sobre campesinato.

Além desses subprojetos em execução na área de antropologia do Museu Goeldi, no ano de 1982, há outros em elaboração, com a finalidade de pertencerem aos objetivos do projeto “Estudos sobre o Homem na Amazônia”. São eles:

a) *A influência dos imigrantes japoneses nos hábitos alimentares da população de Castanhal*, cuja responsável, Ana Lúcia Maroja Kalkmann, pretende verificar qual o grau de mudanças ocorridas nos hábitos alimentares da população de Castanhal, como elas estão-se processando e qual o segmento populacional mais atingido, a fim de comparar os resultados obtidos com outras comunidades que tenham sofrido influência da migração japonesa no estado do Pará;

b) *Sociedade e cultura na Amazônia: Estudos das condições de vida e do processo de mudança em comunidades rurais amazônicas*, cuja responsável, Lourdes Furtado, objetiva que o mesmo tenha um caráter interdisciplinar e interinstitucional. Escolhidas as áreas em função das peculiaridades regionais e considerando-se a presença dos projetos desenvolvimentistas na Amazônia, a formação histórica dessas áreas e as particularidades ecológicas, pretende-se: 1) identificar e analisar nas áreas propostas as modalidades de produção existentes, ou sejam, as estratégias de subsistência encontradas pelos produtores locais (várzea, terra firme, campos, praias e outros); 2) identificar e analisar processos e relações sociais de produção e de mercado de pequenos produtores locais; 3) levantar, descrever, analisar e registrar sob várias formas (fotografia, cinematografia etc.) a cultura material dos segmentos sociais locais, sobretudo os aspectos ameaçados de desaparecimento; 4) levantar as populações atingidas direta e indiretamente pelos projetos desenvolvimentistas, definindo os seus agentes; 5) identificar os fatores de mudança e analisar a sua ação sobre as comunidades escolhidas.

c) *Posseiros urbanos: um estudo sobre as características sócio-culturais de segmentos sociais da periferia de Belém*, o qual deverá ser realizado



pelos pesquisadores que trabalham com estudos de campesinato na Amazônia e que fará parte de um programa da FADESP (Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa no Pará) sobre a *Periferia* de Belém. Este programa tem um caráter interdisciplinar e interinstitucional e objetiva intervir concretamente na realidade sócio-econômica de áreas da periferia de Belém, buscando a modificação dessa realidade com a participação da comunidade em todas as fases de sua execução.

Ainda em elaboração e busca de recursos encontra-se um Programa de Estudo sobre a "Etnicidade na Amazônia urbana", que contará com a colaboração de pesquisadores do Museu Goeldi, da Universidade Federal do Pará e da Universidade de Brasília (UnB). A coordenação será realizada pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira (UnB) e o programa será composto por quatro projetos: 1) o que terá por objeto a cidade de Belém (PA) e a "presença simbólica" do índio, sob a responsabilidade de Roque de Barros Larraia (UnB) e a participação de Maria Helena Barata (Museu Goeldi) e de Leonardo Figoli, 2) o que será realizado na cidade de Boa Vista por Roberto Cortez (Museu Goeldi), com o objetivo de investigar a situação urbana dos índios Makuxi e sobre o qual já nos referimos em páginas atrás; 3) o que será efetivado por Eneida Correia de Assis (UFPa) em Macapá ou Oiapoque (AP) e; 4) o que já está em execução por Antônio Maria Santos (Museu Goeldi) na Vila de São Gabriel (AM).

Este programa composto por projetos individuais ou de equipes, articula-se numa única proposta que é a de estudar a etnicidade urbana (ou quase-urbana, como São Gabriel) em núcleos de diferentes portes de desenvolvimento (capitais, sedes de municípios, vilas), com a finalidade de verificar os mecanismos que propiciaram a migração para esses núcleos, trajetória social, condições em que vivem no novo local de residência, a rede ampla de relações desenvolvidas por essas famílias tanto no interior da própria cidade em que ora se encontram residindo como com a aldeia de onde saíram, a manutenção da identidade étnica ou da etnicidade e como são representados pelos membros da sociedade onde ora se inserem.

Posteriormente os resultados desse programa deverão ser comparados com os de um outro projeto coordenado também pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira e que se encontra em fase de

conclusão: o projeto "Índios Citadinos: identidade e etnicidade em Manaus", realizado por uma equipe de pesquisadores (mestrandos) da UnB, constituída por Marco Lazarin, Jorge Romano e Leonardo Figoli, encarregados, respectivamente, do estudo da situação urbana dos índios Apurinã, Sataré-Mawé e Tucanos.

Em Belém, considerando de antemão que o quantitativo de índios residentes nesta cidade não chega a ser tão representativo como em Manaus, Oiapoque, Boa Vista, São Gabriel da Cachoeira e Macapá, uma vez que a população indígena nesse centro urbano é mais flutuante, o objetivo do estudo é perceber como os poderes executivo, legislativo e judiciário, assim como a Igreja e membros da sociedade civil de modo geral tornaram-se atores do processo político relativo ao índio. Portanto, o problema da representação, da "presença simbólica" do índio norteará a pesquisa em Belém (PA).

## REFERÊNCIAS

1. Arnaud, Expedito. 1971. Os índios Oyampik e Emerilon, Rio Oiapoque. Referências sobre o passado e o presente. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia, 47 : 29 p. Ilustr.
2. Arnaud, Expedito. 1971. A proteção oficial junto aos índios do Uaçá. *Antologia da cultura amazônica. Amaz. Ed. Cult. Ltda.* (ANADA), 109-119.
3. Arnaud, Expedito. 1971. A ação indigenista no Sul do Pará (1940-1970). *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia, 49 : 25 p.
4. Arnaud, Expedito. 1973. O Serviço de Proteção aos Índios - Normas e Implicações. In *O Museu Goeldi no ano do sesquicentenário. Pub. Av. Museu Emílio Goeldi*. 20 : 71-88.
5. Arnaud, Expedito. 1973. Aspectos da legislação sobre os índios do Brasil. *Pub. Av. M. Pa. Emílio Goeldi*, 22, 44 p.
6. Arnaud, Expedito. 1974. Os índios Munduruku e o Serviço de Proteção aos Índios. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. N. S. Antropologia, 54, 60 p., mapa.
7. Arnaud, Expedito. 1975. Os índios Gaviões de Oeste - pacificação e integração. *Pub. Av. Mus. Emílio Goeldi*, 28, 86 p., ilustr e mapa.
8. Arnaud, Expedito. 1975. A legislação indígena no período imperial. *Informativo Funai*, Brasília. 14 : 62-66.
9. Arnaud, Expedito. 1976. Terra de índios. *Informativo Funai*, Brasília, 17 : 5-16.
10. Arnaud, Expedito. 1976. Áreas e populações indígenas - Território do Amapá e Estado do Pará. T.D.I. - *Rev. Ass. Regional Sociólogos*, 2 : 47-74.

11. Arnaud, Expedito. 1976. Costumes e crenças dos índios Galibí. *A Província do Pará* (jornal).
12. Arnaud, Expedito. 1977. O Sistema de Parentesco dos índios Palikúr. *A Província do Pará* (jornal).
13. Arnaud, Expedito. 1978. Estudos de Antropologia na Amazônia – A contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi. *A Província do Pará* (jornal).
14. Arnaud, Expedito. 1978. Os índios Oyampik e Emerilon – Notícia histórica. *A Província do Pará* (jornal).
15. Arnaud, Expedito. 1978. Os Mundurukú – Índios caçadores de cabeça. *A Província do Pará* (jornal).
16. Arnaud, Expedito. 1978. Notícias sobre os índios Araweté, Rio Xingu. Pará. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia, 71. 20 p. ilustr., mapa.
17. Arnaud, Expedito. 1979. O índio e a legislação pom-balina. *A Província do Pará* (jornal).
18. Arnaud, Expedito. 1980. O protestantismo entre os índios Palikúr do rio Urucaá. Notícia preliminar. *Rev. Antropologia*, Univ. S. Paulo, 23 : 99-102.
19. Arnaud, Expedito. 1981. Os índios Mirânia e a expansão luso-brasileira (Médio Solimões, Japurá, Amazonas). *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia. 81. 48 p. ilustr.
20. Arnaud, Expedito. 1981. Os estudos de Antropologia no Museu Emílio Goeldi. *Suplemento Acta Amazônica*, 111 : 137-148.
21. Arnaud e Alves. 1974. A extinção dos índios Kararaô, Baixo Xingu, Pará. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia., 19 p.
22. Arnaud e Alves. 1975. A terminologia de parentesco entre os índios Galibi e outros grupos Karib. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. N. S. Antropologia, 60, 18 p.
23. Arnaud & Cortez & Alves. 1975. A terminologia de parentesco dos índios Gaviões de Oeste (Parkatêyê). Tocantins. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. N. S. Antropologia., 63., 15 p.
24. Arnaud & Cortez. 1976. Aripuanã – Considerações preliminares. *Acta Amazonica*. Sup. 4, ano 4. Contribuições ao Projeto Aripuanã. p. 11-32.
25. Arnaud & Cortez & Velthen. 1976. Aripuanã – Relatório de excursão. *T.D.I. Rev. Ass. Reg. Sociólogos*, 1 : 82-111.
26. Baldus, Herbert. 1954 e 1968. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. SP, 1954, 859 p., e Hannover, 1968, 864 p.
27. Brabo, Maria José Carvalho. 1979a. Palmiteiros de Muaná – Estudo sobre o processo de produção no beneficiamento do açaizeiro. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n. ser., Antropologia 73, 29 p.
28. Brago, Maria José Carvalho. 1979b. Os roceiros de Muaná. *Publ. Avulsas do Museu Goeldi*, n.º 32, Belém, 68 p.
29. Brabo, Maria José Carvalho. 1981. Pescadores, ge-leiros, fazendeiros – Os conflitos da pesca em Ca-choeira do Arari (nota prévia). *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. Ser. Antropologia, 77, 22 p.
30. Cardoso de Oliveira, Roberto. 1972. Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica. In *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 85-129.
31. Fernandes, Florestan. 1958. *A etnologia e a sociologia no Brasil*. São Paulo, Anhambi, p. 17-78.
32. Furtado, Lourdes Gonçalves. 1978. Aspectos históricos e econômicos de Marapanim – Nordeste Paraense. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia 67, 30 p.
33. Furtado, Lourdes Gonçalves. 1980. *Currulistas e redeiros de Marudd: pescadores do litoral do Pará*. São Paulo, Univ. de São Paulo, mimeo. Tese-mestrado, 364 p.
34. Furtado, Lourdes Gonçalves. Pesca artesanal: um delineamento de sua história no Pará. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S., Antropologia 79, 50 p.
35. Furtado, Lourdes Gonçalves e Nascimento, Ivete Herculano do. 1982. *Pescadores-de-linha* no litoral paraense: uma contribuição aos estudos de campesinato na Amazônia. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. Ser., Antropologia 82, 49 p.
36. Furtado, Lourdes Gonçalves, Souza, Ruth Cortez de e Berg, Maria Elizabeth van den. 1978. Notas sobre uso terapêutico de plantas pela população cabocla de Marapanim, Pará. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S., Antropologia 70, 31 p.
37. Galvão, Eduardo. 1957. Estudos sobre a aculturação dos grupos indígenas do Brasil. *Rev. de Antropologia*, São Paulo, 5(1) : 67-74.
38. Galvão, Eduardo. 1959. Aculturação indígena no Rio Negro. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. Belém, N. S. Antropologia 7, 60 p.
39. Galvão, Eduardo. 1960. Conferência proferida no Simpósio sobre a Biota Amazônica em 6-11-66, em Belém, Manaus. Ed. Governo do Estado do Amazonas, 23 p. Estudos de antropologia na Amazônia.
40. Galvão, Eduardo. 1960. Áreas culturais indígenas do Brasil. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, N. S., Antropologia 8.
41. Laraia, Roque de Barros. 1978. O desenvolvimento da antropologia social no Brasil. *Ciências Sociais Hoje*. Salvador, Ass. Nac. de C. Sociais (ANCS) e Associação dos Sociólogos do Estado da Bahia (ASEB), p. 37-44.
42. Melatti, Júlio Cesar. 1982. A etnologia das populações indígenas do Brasil, nas duas últimas décadas. *Anuário Antropológico* 80. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 253-275.
43. O'Leary, Timothy. 1963. *Ethnographic bibliography of South America*. New Haven, 386 p.
44. Oliveira, Adélia Engrácia de. 1975a. A terminologia de parentesco Baniwa. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia 56, 34 p.
45. Oliveira, Adélia Engrácia de. 1975b. São João – Povoado do Rio Negro (1972). *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia. 58, 56 p.

46. Oliveira, Adélia Engrácia de. 1978. A terminologia de parentesco Mura-Pirahã. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia 66, 33 p.
47. Oliveira, Adélia Engrácia de. 1979. Depoimentos Baniwa sobre as relações entre índios e "civilizados" no rio Negro. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia 72, 31 p.
48. Oliveira, Adélia Engrácia de. 1981. A decadência do aviamento num povoado da Amazônia: notas preliminares. *Anuário Antropológico* 79. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 131-147.
49. Oliveira, Adélia Engrácia de et al. 1980. Enfoques principais de pesquisa antropológica (índios) na Amazônia, Ms, 9 p. datilografado.
50. Oliveira, Adélia Engrácia de e Galvão, Eduardo. 1973. A situação atual dos Baniwa (Alto Rio Negro) - 1971, separata de *O Museu Goeldi no ano do Sesquicentário*, publicações avulsas 20, Belém, p. 27-40.
51. Oliveira, Adélia Engrácia de e Rodrigues, Ivelise. 1975. A situação atual dos Mura-Pinhã. *Informativo Funai*, ano VI, nº 13, p. 69-78.
52. Ribeiro, Darcy. 1957. Cultura e línguas indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*, 2(6): 5-102. Rio de Janeiro.
53. Rodrigues, Ivelise e Oliveira, Adélia Engrácia de. 1977. Alguns aspectos da ergologia Mura-Piranhã. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, N. S. Antropologia, 65, 47 p., ilustr.
54. Velthem, Lúcia Hussak van. 1976. Representações gráficas Wayãna-Aparaí. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S., Antropologia 64, 19 p.
55. Velthem, Lúcia Hussak van. 1980. O Parque Indígena de Tumucumaque. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, N. S. Antropologia, 76, 31 p.

Captamos o mistério do átomo e rejeitamos o sermão da montanha.

O nosso mundo é de gigantes nucleares e pigmeus morais. Sabemos mais sobre a guerra do que sobre a paz; mais a respeito de matar do que viver.

Omar Bradley, cit. em A. Freire-Maia e N. Freire-Maia.  
*Efeitos genéticos das radiações no homem*. Hucitec-Unesp.